



O PORTUGUÊS CONSERVADOR FALADO NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE RIO DAS RÃS

Jodalmara Oliveira Rocha Teixeira
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)
Endereço Eletrônico: mmara.teixeira@hotmail.com

Jorge Augusto Alves da Silva
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)
Endereço Eletrônico: adavgstvm@gmail.com

Marian dos santos Oliveira
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)
Endereço Eletrônico: marian.oliveira@uesb.edu.br

2246

INTRODUÇÃO

Ao discutir a influência das línguas africanas na linguagem popular baiana, Castro (1967, p. 26) sublinha que as zonas rurais são arcaizantes por natureza, onde se fala “[...] um Português de substrato quinhentista, aspecto que de resto conservam todos os falares rurais do Brasil.” Nessas geografias, conforme observa Mattos e Silva (2009), encontram-se vocábulos que parecem ter desaparecido do português culto. Conforme a autora, “[...] os arcaísmos, menos estudados que os neologismos, ao parecerem extintos, reaparecem pelo menos em variedades rurais brasileiras.” (MATTOS e SILVA, 2009, p. 18).

Nessa perspectiva, tomamos como objeto de estudo, neste trabalho, a variedade do português falada pelos moradores da Comunidade Quilombola de Rio das Rãs, localizada no município de Bom Jesus da Lapa, oeste baiano. Através de uma análise semântica, pretendemos investigar casos de manutenção linguística presentes no português rural falado pelos moradores daquela comunidade.

Verificamos, especificamente, que há traços do português arcaico já descritos entre os séculos XIII e XV (SILVA NETO, 1970 [1956]; COUTINHO, 1976; MATTOS E SILVA, 2006) no vernáculo de Rio das Rãs (vistos em *cuma*, *luita*, *labutar*, *mode*, *pissui*, por exemplo) que apontam para a hipótese de manutenção linguística, pelo fato de o seu povo não ter tido acesso à variedade padrão da língua portuguesa, por ter vivido relativamente isolado do meio urbano, pela ausência de



escolas e, também, de contato regular com meios de comunicação e práticas midiáticas até a primeira metade do século anterior.

METODOLOGIA

Para cumprirmos o propósito de identificar, por meio de uma análise semântica, marcas de conservação no Português falado em Rio das Rãs, levamos em consideração o critério cronológico, tomando como marco divisório entre os períodos arcaico e moderno da língua o século XVI, tal como sugerido por Coutinho (1976) e também adotado por Mattos e Silva (2006; 2008). Desse modo, consideramos como arcaísmos, neste trabalho, itens lexicais comuns entre os séculos XIII e XV, os quais perderam espaço, ao longo do tempo, na variedade padrão, restringindo-se ao uso popular ou do meio rural, conforme se verifica na comunidade investigada.

Em nossa análise, apoiamos-nos nos pressupostos da Lexicologia (VILELA, 1994; BIDERMAN, 1998; 2001; ALVES, 2007) e da Linguística Histórica (SILVA NETO, 1970 [1956]; COUTINHO, 1976; MATTOS E SILVA, 2006; 2008) e no uso de obras lexicográficas (BLUTEAU, 1712-1728; FREIRE (1957 [1952])); HOUAISS, 2009; CUNHA, 2010; FERREIRA, 2010). Como *corpus*, organizado segundo os preceitos teórico-metodológicos labovianos (LABOV, 1972), utilizamos *O Português Afro-brasileiro*, constituído pelo Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e em Sociofuncionalismo da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Esse *corpus* foi composto a partir das ocorrências de fala de 24 (vinte e quatro) informantes pertencentes à Comunidade Quilombola de Rio das Rãs, situada no município de Bom Jesus da Lapa, oeste do Estado da Bahia, selecionados de acordo com fatores extralinguísticos preestabelecidos: *sexo* (masculino/feminino); *escolaridade* (analfabetos/0 a 2 anos de escolaridade/3 a 5 anos de escolaridade); *faixa etária* (jovens – 25 a 35 anos/ adultos – 45 a 55 anos/ idosos – 65 anos ou mais) e *estada fora da comunidade* (6 meses a 1 ano).

Quanto aos procedimentos, utilizamos as pesquisas bibliográfica e documental, segundo as orientações teórico-metodológicas acima mencionadas. Relativamente à abordagem, esta pesquisa caracteriza-se como qualitativa, por descrevermos e analisarmos os dados, tecendo considerações a respeito do objeto em estudo.

2247



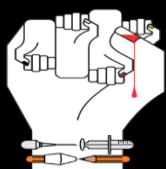
RESULTADOS E DISCUSSÃO

Originalmente denominado Mocambo do Pau Preto, Rio das Rãs, *locus* da pesquisa, foi um dos primeiros quilombos da Bahia. Após ter experimentado um período de violentos conflitos pela posse de suas terras, iniciado em 1974, a comunidade foi oficialmente reconhecida como remanescente de quilombo em 1996 pela Fundação Palmares (CARVALHO, 1993). Por ter se mantido em relativo isolamento geográfico, cultural e linguístico desde o princípio de sua sócio-história, diretamente relacionada ao processo de ocupação do sertão baiano e ao tráfico negreiro interno, a comunidade carrega em seu falar traços de conservação verificáveis, sobretudo, no nível semântico-lexical. Alguns desses traços são exemplificados com dados de nosso *corpus*, apenas com o intuito de se promover uma visão mais ampla do conjunto levantado. Nesses exemplos, todas as unidades léxicas em destaque, segundo o viés teórico pelo qual se orienta este estudo, conservam a mesma acepção identificada nos dicionários consultados.

Os exemplos a seguir correspondem a construções encontradas em nosso *corpus*, tomando por base o cotejo com obras do período arcaico da língua portuguesa ou indicações de arcaísmos apresentadas por Silva Neto (1970 [1956]) e Coutinho (1976), por exemplo, que seguem o critério cronológico na demarcação das fases da Língua Portuguesa.

Vejam-se alguns casos de arcaísmos encontrados em nossa amostra, destacados nos trechos selecionados:

- (01) Eu acompanhei do primeiro dia, primeiro dia da **luita**, a gente tava no detaro. (A.D.S., 66 anos, M)
- (02) É, é, as vez, a gente não tinha, por isso, a gente, o, o, o, de sonho de algumas coisa **pra mode** a gente **pissuí**, a gente não tinha conhecimenti, né? [...] **cuma que**, não tinha **cuma** eu pensar, dizer assim, é, é, vou **pissuir** uma mota, quem *podaria* pensar de **pissuir** uma mota? (A.D.S., 66 anos, M)



- (03) [...] **enton** a gente tá trabalhano e prestano tenção no trabalho de todo mundo aqui dentro do quilombo. (J.F.C., 65 anos, M)
- (04) [...] acho que o pessoal da cidade, **inté** ignorava, gente da roça não podia estudar na cidade, né? [...] Aí agora, mas como tinha uma mulher lá que a gente **labutava** com eles, falou, que essa pessoas, fez frente para que eles entrasse no primeiro dia[...]. (A.D.S., 66 anos, M)
- (05) Energia, é, é igual água encanada que nan tinha **de primera**. (M.M.S.F., 29 anos, M)
- (06) [...] ela morreu, essa mulher morreu. Chamava **finada** Bernada. (M.M.S.F., 29 anos, M)

2249

Ao lado das unidades lexicais em destaque nos exemplos acima, citamos algumas, identificadas no acervo vocabular dos moradores de Rio das Rãs, que se encontram presentes nas obras lexicográficas consultadas, mantendo, em todas elas, a mesma forma e acepção: *acudí(r)*: estar disposto a auxiliar; *alumia(r)*: iluminar; *aparta(r)*: afastar; *bota(r)*: por em algum lugar; *causo*: acontecimento; *finado/a*: falecido/a; *labuta(r)*: lidar, trabalhar; *peleja(r)*: batalhar, lutar; *zela(r)*, cuidar. Além de conservar o sentido, em quase sua totalidade, o que aponta para a predominância de manutenção semântica, os nossos dados nos possibilitam, por um lado, entrever o caráter conservador do Português falado em Rio das Rãs e, por outro, as mudanças ocorridas. Por conseguinte, não são apenas um importante subsídio para o conhecimento da língua em uso na comunidade estudada, mas também para uma melhor apreensão e compreensão das formas que persistem ao longo dos tempos.

CONCLUSÕES

Neste trabalho, por meio de uma análise semântica, apontamos casos de manutenção linguística presentes no português rural de Rio das Rãs. Através das imagens para as quais apontam, os itens lexicais identificados como arcaicos confirmam o caráter conservador da linguagem e a influência do fenômeno de modernização tardia por que passa o Quilombo de Rio das Rãs. Tais usos, ainda presentes na linguagem popular “roceira” da comunidade investigada e de tantas outras,

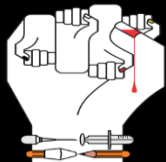


rurais e quilombolas brasileiras, carecem de mais investigações, para um melhor conhecimento e entendimento do léxico em uso efetivo no Português do Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Conservação linguística. Lexicologia. Linguística Histórica. Rio das Rãs.

REFERÊNCIAS

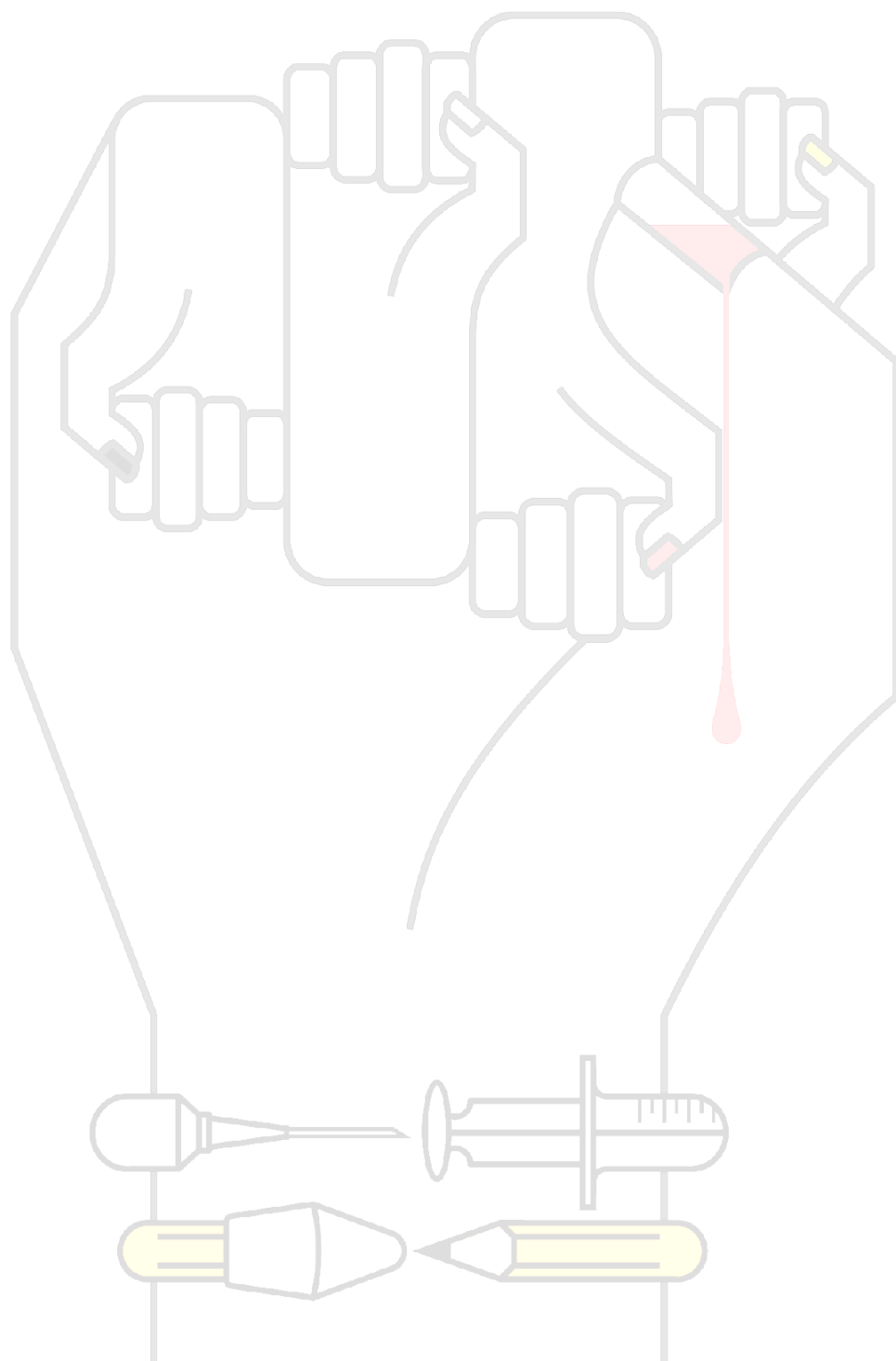
- ALVES, Ieda Maria. *Neologismo: criação lexical*. São Paulo: Ática, 1990.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do léxico. In: *As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. Campo Grande (MS): Ed. UFMS, 1998.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria Lingüística: teoria lexical e lingüística computacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712 - 1728. 8 v.
- CARVALHO, José Jorge de (Org.). *Laudo antropológico sobre a comunidade rural negra do Rio das Rãs*. Coordenação. Brasília, Nov. 1993.
- CASTRO, Yeda Pessoa de. A sobrevivência das línguas africanas no Brasil: sua influência na linguagem popular da Bahia. *Afro-Ásia*, Salvador, n. 4-5, 1967. DOI: 10.9771/aa.v0i4-5.20350. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/20350>. Acesso em: 30 abr. 2022.
- CUNHA, Antonio Geraldo da. *Dicionário etimológico nova fronteira da língua portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 2010.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio básico da língua portuguesa*. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010. 2222p.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- LABOV, William. *Sociolinguistics Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *O português arcaico*. Fonologia, morfologia e sintaxe. São Paulo: Contexto, 2006.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Caminhos da linguística histórica: ouvir o inaudível*. São Paulo; Parábola, 2008.
- MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia. O conceito relativo de neologismo e arcaísmo: um estudo pancrônico. In: OLIVEIRA, Klebson; CUNHA E SOUZA, Hirão F.; SOLEDADE, Juliana (Orgs.). *Do português arcaico ao português brasileiro: outras histórias*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 11-20.



SILVA NETO, Serafim da. *História da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal; 1970 [1956].

VILELA, Mário. *Estudos de Lexicologia do Português*. Coimbra: Almedina, 1994.

2251



Realização:



Apoio:

